

# LEITURA E ESCRITA NA CONCEPÇÃO DE CONSTRUIR SABERES NUMA EDUCAÇÃO AFROCENTRADA: UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA<sup>1</sup>

Joselita Santos de Jesus<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a importância da leitura e da escrita na educação afrocentrada e como essas práticas podem promover a valorização das culturas africanas e contribuir para criar/ fortalecer uma identidade negra/étnica e cultural entre os estudantes. Para isso, utilizou-se pesquisa metodológica e bibliográfica de natureza qualitativa, pautada no fato de que a leitura e a escrita desempenham papel fundamental na construção do conhecimento na educação a partir do ensino fundamental. O estudo procura compreender a importância da leitura e da escrita em uma educação afrocentrada. Como utilizá-los para construir uma nova visão de identidade cultural. O trabalho foi baseado nos autores Ama Mazama (2019), trata da importância de apoiar uma educação que valorize a cultura e a história africana, José Maurício Arrut (2017) trata da importância da educação contextualizada e focada nas especificidades das comunidades quilombolas, Malefi Kete Asante (2016) defende que a educação deve ser focada na cultura africana e na experiência africana.

**Palavras-chave:** leitura (ensino fundamental); cultura afro-brasileira; quilombos - educação; currículos.

## ABSTRACT

This article aims to discuss the importance of reading and writing in Afrocentric education and how these practices can promote the appreciation of African cultures and contribute to a strong cultural identity among students. For this, methodological and bibliographic research of a qualitative nature was used, based on the fact that reading and writing play a fundamental role in the construction of knowledge in education from elementary school onwards. The study seeks to understand the importance of reading and writing in Afrocentric education. How to use them to build a new vision of cultural identity, the work was based on the authors Ama Mazama (2019), who deals with the importance of supporting an education that values African culture and history, J. Arrut deals with the importance of contextualized education focused on the specificities of quilombola communities, Malefi Kete Asante (2016) who argues that education should be focused on African culture and the African experience.

**Keywords:** reading (elementary education); Afro-Brazilian culture; quilombos - education; curricula.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Costa Santos.

<sup>2</sup> Licencianda em Pedagogia pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

A escolha deste tema justifica-se pela necessidade de repensar o currículo escolar em uma perspectiva afrocentrada, valorizando a identidade cultural dos estudantes negros e quilombolas. Pensar a educação básica numa perspectiva afrocentrada foi provocada por minha inserção em uma universidade com perspectiva afroreferenciada - UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira, onde me fez conhecer um currículo pautado em Aimé Césaire, Asante, Cheikh Anta Diop, Franz Fanon, Amílcar Cabral, Martin Luther King, Du Bois, Garvey, Karenga e Obenga, entre outros intelectuais da diáspora africana ou não. Assim quero dizer que muitas das ideias afrocêntricas, que chamaremos de perspectiva afrocentrada tem uma base mais robusta dentro das questões que colocam no centro a população negra, por conta da sua ascendência africana.

Também não posso deixar de apontar aqui que sou uma mulher negra quilombola de Acupe distrito municipal de Santo Amaro, no estado brasileiro da Bahia, portanto todas as questões não vividas na minha fase de educação básica nas escolas, que muito me fizeram falta, hoje enquanto uma estudante de pedagogia me traz como motivação para impulsionar minha pesquisa. A questão que me inquieta e permeia a pesquisa que resultou nesse artigo se dá em pensar de que maneira na Educação básica a leitura e escrita, quando fundamentadas numa perspectiva afrocentrada, podem contribuir para a construção de saberes e valorização da identidade cultural? Tal investigação se mostra relevante não apenas no campo acadêmico, mas também para a prática pedagógica cotidiana, na medida em que possibilita aos professores o desenvolvimento de práticas educativas que dialogam com uma Educação para as Relações Etnorraciais, Educação Quilombola e a História e a cultura afro-brasileira.

A educação Escolar pode ser um dos principais mobilizadores territoriais do processo pedagógico afrocentrado, se tiver uma base afroreferenciada adotando currículo e metodologias que reconheçam a cultura, os saberes, e a história afro-brasileira como fundamentos centrais da educação. Historicamente sabemos que o sistema escolar é um modelo de ensino eurocêntrico, razão pela qual as visões brancas são perpetuadas. Pesquisadores apontam que muitos africanos tomam iniciativas de seu próprio interesse, de uma forma diferente das dos brancos. Desta forma, é importante promoção de literatura africana, na educação básica de forma a permitir que estudantes negros se conectem com narrativas que atravessam suas vidas, refletida nas experiências e contextos do continente africano, fortalecendo o sentimento de identidade e pertencimento.

Entendemos que um dos caminhos se encontra na prática de leituras afrocentradas,

de forma a estimular os alunos a analisarem e questionarem diferentes perspectivas de vida, ajudando-os a desenvolver um pensamento crítico em relação à sua realidade social e política. Assim, o objetivo da tese é discutir e elaborar os elementos essenciais para a construção do conhecimento numa perspectiva afrocêntrica, quando alinhados com a cultura africana como ferramenta própria.

Assim, nosso referencial teórico de base será Molefi Kete Asante, pesquisador da obra publicada em 1980, intitulada “*Afrocentricidade: a Teoria de Mudança Social*”. Asante (2009, p. 93), traz o continente africano para o foco histórico e cultural de todos os povos negros. Para o autor, “afrocentricidade é um pensamento, uma prática e uma perspectiva na qual o povo negro é o sujeito e agente dos fenômenos, agindo na construção de sua própria imagem cultural e de acordo com seus interesses humanos”.

Nesse sentido pensar numa leitura e escrita afrocentrada, esta no viés de busca redefinir narrativas e reconstruir identidades, empoderando estudantes negros para que as atitudes ativas transformem sua realidade cultural e social. Visto que, avaliamos que ao promover uma educação que respeite as diversas culturas, é possível reduzir desigualdades sociais e garantir que todos os estudantes tenham acesso a uma educação relevante, permitindo a integração de diferentes saberes-acadêmicos, populares, científicos e tradicionais, criando um aprendizado mais holístico. Essa integração promove um diálogo entre as culturas africanas e outras tradições, enriquecendo o processo educativo.

Nesse bojo de pensar uma educação afrocentrada, será de relevância as discussões sobre narrativas orais, entendendo que as mesmas são fundamentais para a transmissão de saberes e valores. Entendemos primeiro que, Leitura e Escrita, não se dissocia da oralidade, podendo ajudar a documentar as histórias, preservando-as para futuras gerações. Ao transcrever as narrativas orais, é possível criar uma ponte entre o conhecimento ancestral e as novas gerações, garantido que esses saberes não se percam e se possa aprimorar os textos orais. O autor Pereira e Viana (2003, p. 1) traz que a, “oralidade é a capacidade de cada indivíduo compreender, usar e refletir sobre os ‘textos orais’, de modo a atingir os seus objetivos, a desenvolver os seus próprios conhecimentos e potencialidades e a participar ativamente na sociedade”.

O conhecimento escrito pode ser uma das bases para inovações que respeitem as práticas tradicionais, criando soluções sustentáveis para os desafios contemporâneos. Vale ressaltar que a leitura crítica e a escrita autobiográfica dos estudantes quando integradas às culturas africanas e às tradições quilombolas, se tornam ferramentas essenciais para a construção de saberes significativos. Esse alinhamento permite que o processo de ensino-aprendizagem

não apenas transmita informações, mas também valorize as experiências, histórias e modo de vida das comunidades. Essa perspectiva, vai valorizar a identidade através da literatura e as narrativas orais africanas ajudando a fortalecer a identidade cultural dos estudantes. Quando os estudantes leem e escrevem sobre suas próprias histórias e tradições, eles se sentem mais conectados à sua herança cultural e fazem inquisições .

Para Freire (1988) a educação problematizadora, torna-se num esforço contínuo que permite às pessoas reconhecerem criticamente seu lugar no mundo em que vivem . Ter a acesso a conhecimento tradicionais africanos e das comunidades quilombolas permitem que estudantes reconheçam a importância dos saberes ancestrais, que muitas vezes são invisibilizados das práticas educacionais convencionais (Santos, 2025)

Nas escolas, a história africana é, portanto, severamente, truncada, e as crianças negras são retratadas como “ descendentes de escravos”, uma identidade que por todos os motivos bem legítimos não é fonte de orgulho ou inspiração, especialmente porque a resistência à escravidão nunca é realmente mencionado (Mazama, 2019, p. 39). Com isso uma Educação afrocentrada, o maior objetivo é desmitificar o currículo existente propondo uma nova visão de aprendizado para os negros, valorizando suas origens e verdadeira história.

Sabemos que para a construção de todo e qualquer estudo, torna-se necessário, um percurso metodológico. A partir disso, para o referido estudo, o desenvolvimento da metodologia se deu de forma sistematizada, ou seja, partindo de uma investigação bibliográfica. Mediante leituras de artigos e arquivos documentais, que proporcionaram uma concretização sucinta da discussão do tema em destaque.

Nesse sentido, partir da importância da leitura e da escrita na concepção de construir saberes numa educação afrocentrada no ensino fundamental tornou-se relevante para estudo desse tema. Buscando uma educação mais igualitária e menos preconceituosa, na perspectiva da desconstrução do currículo eurocêntrico existente no Brasil. Deste modo, justificamos a importância de discutir sobre essa temática na perspectiva de trazer um novo olhar sobre a história e as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes.

Levando em conta as prerrogativa da afrocentricidade, o estudo foi dividido em duas sessões. A primeira nos traz reflexões sobre a importância da leitura e a escrita na educação afrocentrada. E a segunda, em buscar a educação afrocentrada como identidade cultural.

A metodologia adotada na investigação, foi a “escrevivencia ”, a partir de leituras feitas durante o curso e pesquisas. Refere-se a uma metodologia-chave para a pavimentação da análise do que quero trazer do afroreferenciado na “ótica” de perceber a materialidade na educação básica.

## 2 REFLEXÕES SOBRE A LEITURA E A ESCRITA NA EDUCAÇÃO AFROCENTRADA

A educação afrocentrada é um modelo educacional que busca valorizar e integrar a cultura, história e perspectivas africanas e afro-brasileiras no processo de ensino-aprendizagem. Essa abordagem contrasta com a educação tradicional, que muitas vezes ignora ou marginaliza essas contribuições.

Para Mazama (2003), afrocentricidade é uma afirmação do lugar de sujeito dos africanos dentro de sua própria história e experiências, sendo ao mesmo tempo uma rejeição da marginalidade e da alteridade, frequentemente expressas nos paradigmas comuns da dominação conceitual europeia

Nesse viés percebe-se o quanto é necessário que nossos estudantes comecem a conhecer a história dos seus antepassados através de uma metodologia pedagógica inclusiva, pois a educação afrocentrada não apenas ensina conteúdos relacionadas à cultura africana, mas também promove um ambiente educacional que valoriza todas as vozes e experiências dos estudantes. Essa abordagem é fundamental para combater preconceitos raciais e contribuir para uma sociedade mais justa e equitativa. Asante (2016), nos aponta o quanto pessoas de herança africana acreditam que a África é uma realidade marginal na civilização humana quando, de fato, África é o continente onde muito das ciências e tecnologias primeiro foi desenvolvido.

O continente africano foi um laboratório onde nasceram muitas revoluções tecnológicas da história- fundiam ferro e produziam aço de qualidade superior, dominando o fogo enquanto a Europa ainda estava na Idade da Pedra Polida. É notável, ainda hoje, ter livros de história que possuem deformações raciais na abordagem acerca da história do descobrimento do Brasil e dos negros escravizados, trazendo uma posição real da história dos europeus.

Segundo Asante (2016, p. 12):

A afrocentricidade gera em torno da cooperação, da coletividade, da comunhão, das massas oprimidas, da continuidade cultura da justiça restaurativa, dos valores e da memória como termos para a exploração e o avanço da comunidade humana. Estes valores baseiam-se no estudo e reflexão de sociedades africanas específicas, de modo transgeracional e transcontinental.

Assim, a leitura crítica de textos que discutem identidade, cultura e desigualdades sociais permitem que estudantes desenvolvam uma consciência crítica sobre sua realidade. Permitindo-os a capacidade de questionar estereótipos e preconceitos, contribuindo para uma

formação consciente e engajada de sua cultura.

A prática da leitura e escrita também proporciona um espaço para o intercâmbio cultural. Os estudantes podem aprender sobre outras culturas enquanto compartilham suas próprias histórias, promovendo um diálogo que enriquece a experiência educacional.

Desta forma reflexões sobre a importância da leitura e a escrita na educação afrocentrada e suas práticas educativas se tornam ferramenta de resistência cultural, empoderamento e afirmação da identidade. Ao integrar essas práticas no ambiente escolar, os educadores ajudam a criar um espaço onde todos os estudantes possam se sentir valorizados e representados.

Dessa forma a educação afrocentrada é uma ferramenta poderosa no combate ao racismo e a discriminação. Ao ensinar sobre as injustiças históricas e contemporâneas enfrentadas por essas comunidades, os estudantes desenvolvem empatia e compreensão, o que pode levar a atitudes mais respeitosas e inclusivas.

A ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos e econômicos históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Começamos com a visão que a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe que os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (Asante, 2009, p. 93).

Contudo, em um mundo cada vez mais globalizado é fundamental que os estudantes compreendam diferentes culturas e perspectivas. Uma educação afrocentrada prepara os estudantes para interagir em contextos multiculturais, seja em suas comunidades ou no mercado de trabalho.

Assim, educar jovens sobre suas raízes culturais históricas é um passo importante para empoderá-los como agentes de mudanças em suas comunidades. Isso pode inspirá-los a lutar por justiça social, igualdade e direitos humanos. Desta forma, ao reconhecer o papel da leitura e da escrita no fortalecimento da identidade cultural, torna-se necessário refletir também sobre os desafios que ainda impedem a consolidação da educação afrocentrada no Brasil, bem como as perspectivas que podem abrir caminhos para a sua efetivação.

### **3 DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO AFROCENTRADA**

Ao refletirmos sobre a importância da leitura e da escrita na educação afrocentrada, torna-se necessário pensar também nos desafios para a efetivação dessa proposta no contexto brasileiro, assim como nas perspectivas que apontam para avanços e transformações possíveis. A educação afrocentrada, apesar de reconhecida pela sua relevância na valorização da identidade cultural, ainda enfrenta barreiras ligadas ao currículo, a formação de professores e as práticas escolares. Nesse sentido, este capítulo busca discutir de forma crítica tanto os obstáculos encontrados quanto às possibilidades que abrem para o fortalecimento de uma educação comprometida com a diversidade e com a justiça social.

A educação afrocentrada, tem como base a teoria da afrocentricidade, ao propor a centralidade das culturas e saberes africanos e afro-brasileiros no processo formativo, representa o movimento contra hegemônico diante de um currículo historicamente marcado pelo eurocentrismo. No entanto, apesar dos avanços legais e pedagógicos, a consolidação dessa perspectiva no Brasil ainda enfrenta inúmeros desafios que precisam ser discutidos de forma crítica, a fim de projetar caminhos possíveis para a sua efetivação.

Segundo Mazama (2019) um dos principais obstáculos refere-se à resistência institucional na implementação de práticas pedagógicas que valorizem as culturas africanas. Embora a lei 10.639/2003 determine a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas muitos estabelecimentos de ensino ainda tratam o tema de maneira pontual, restrita a datas comemorativas, sem uma integração efetiva ao currículo

Outro desafio está relacionado à formação insuficiente dos professores com relação ao tema. Percebe-se que grande parte dos docentes não receberam, ao longo de sua trajetória acadêmica, subsídios teóricos e metodológicos adequados para trabalhar a temática, então a formação inicial dos formadores é um grande desafio, a falta de preparo acaba comprometendo a prática pedagógica e, muitas vezes, reforça estereótipos ou superficialidades no tratamento do tema (Santos, 2016, p. 132-150).

Diante da dificuldade na formação dos formadores do público da educação básica, torna-se necessário investir na formação continuada, oferecendo espaços de estudo e reflexão que possibilitem uma prática pedagógica crítica e comprometida com a valorização da Cultura Africana e afro-brasileira. A assunção efetiva da aplicação da lei 10.639/2003, pode de alguma forma garantir que a temática seja inserida no currículo de forma transversal e significativa.

Com isso, é possível fortalecer a identidade cultural dos estudantes, promover o respeito às diferenças e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Refletir sobre os desafios da educação afrocentrada e, portanto, reconhecer a importância de uma escola que valorize todas as histórias e culturas, caminhando rumo a uma educação antirracista, democrática e emancipada, é ir por um caminho diferente da “invasão cultural”

Freire (1977, p. 178) relata que:

invasão cultural o processo de domínio, o que pode ser tanto de uma nação sobre outra como de uma classe sobre outra. Ela se caracteriza pelo não respeito à cultura, aos valores do outro. Ela é um desrespeito ao ser dessas pessoas, freando a sua criatividade, enfim, privando-as de sua identidade.

#### **4 A EDUCAÇÃO AFROCENTRADA COMO IDENTIDADE CULTURAL**

A educação afrocentrada como identidade cultural é uma abordagem que não apenas reconhece, mas também celebra as raízes africanas e as contribuições da população negra na formação da sociedade brasileira. Essa perspectiva é essencial para construção de uma identidade cultural que valoriza a diversidade e promove o respeito mútuo.

Sabe-se que a educação afrocentrada busca resgatar e valorizar as histórias, tradições e saberes africanos que foram muitas vezes marginalizados ou omitidos nos currículos escolares tradicionais. Isso permite que os estudantes negros se conectem com suas raízes e compreendam melhor sua herança cultural.

Desta forma incluir no currículo escolar uma educação afrocentrada é de suma relevância para encerrar o contexto escolar um conhecimento novo para os indivíduos em processo de aprendizagem, compreender a sua verdadeira origem e formação do povo de pertencimento.

Sendo assim, pensar em um currículo afrocentrado para as escolas Da Região do Acupe, a qual eu tenho identidade e pertencimento, seria de extrema relevância. Visto que Acupe é um distrito de origem quilombola, com rica cultura que conta a sua história como resistência no processo de escravidão dos nossos ancestrais, e ainda assim parte da população jovem não conhece a história das manifestações culturais, que durante os meses de agosto fazem apresentação pelas ruas. Assim percebe-se uma falha no processo educacional, ao não incluir no curricular local a história desse território como forma de reconhecimento da identidade cultural. A história de Acupe, ao adentrar no Currículo escolar tem a potencialidade, entre outras de contribuir com um currículo afroreferenciado para uma Educação Escolar Quilombola.

Perante o exposto avalio que , ao integrar conteúdos que refletem a cultura brasileira, pode ser um dos caminhos para uma educação afrocentrada. Ajudando os estudantes a desenvolverem uma identidade mais forte e positiva. Desse modo é particularmente importante em um contexto onde muitos jovens negros enfrentam desafios relacionados á baixa autoestima e devido ao racismo estrutural.

Nessa perspectiva fica nítido a importância de um povo que conhece e vive sua cultura diariamente, o quanto a cultura representa uma identidade cultural de um povo, um povo sem cultura não conhece sua verdadeira história. A valorização da diversidade cultural na educação afrocentrada promove uma visão ampla sobre diversidade cultural, mostrando que todas as culturas têm valor e importância . Isso incentiva o respeito pelas diferenças e ajuda a construir um ambiente escolar mais inclusivo, onde todos os alunos se sintam valorizados.

A cultura e o pensamento europeus são implicitamente apresentados como universais, e a Europa como o único local de origem possível de grandes ideias e descobertas (Asante, 2003; Mazama, 2003). Tal experiência está longe de ser real para crianças negras, cuja cultura e história são amplamente tornadas invisíveis e insignificantes. Como resultado, as crianças negras muitas vezes permanecem totalmente alijadas de sua história e cultura, e na opinião de alguns pesquisadores negros, essas crianças não podem conseqüentemente ser consideradas verdadeiramente educadas (Hilliard, 1997; Asante, 2007).

Em vista de tudo o que acaba de ser dito, é necessário que os currículos e as metodologias de ensino sejam alterados, para que os estudantes aprendam sua verdadeira história se apropriem da sua cultura local, como um direito que lhe foi negado e agora com a evolução da sociedade e lei que apoia esse direitos é de suma importância esse conhecimentos, nossas crianças não podem, nem deve viver com um pensamento que os seus descendentes não tinha laços positivos para contar.

Um dos avanços legais, por meio de varias tensões dos movimentos negros para proteger os direitos da população negra no Brasil, de conhecer sua história africana e sua historia e cultura local foi a lei 10.639/2003, tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, entretanto a lacuna entre a constituinte e o constituído, faz com que a lei já tenha passado da maioria e ainda tem muito à implantar

No plano cultural, o currículo é calçado de um monoculturalismo e etnocentrismo simplesmente inaceitável. De fato, a experiência cultural e histórica dos brancos funciona como norma universal.. Esta exclusão tem uma dimensão mais angustiante e premente para as crianças negras cujas experiências não estão incluídas nas conversas em sala de aula (Mazama, 2019, p. 8).

## 5 O QUE OS PROFESSORES PENSAM DISSO?

Além dos Desafios apontados pela literatura especializada, as entrevistas realizadas com profissionais da educação-Francisco Pereira dos anjos Júnior, Lilian Medrado e Viviane Dias, (solicitaram identificação no texto), reforçam que a implementação da educação afrocentrada nas escolas brasileiras ainda enfrenta entraves significativas, muitos dos quais profundamente enraizados no racismo estrutural e na ausência de políticas formativas consistentes.

Francisco Pereira destaca que a educação afrocentrada é urgente por reconhecer o sujeito negro como a gente histórico, cultura e epistemológico. Para ele, embora a lei 10.639/2003 representa o marco importante, sua aplicação ainda ocorre de forma superficial e burocrática, restrita, muitas das vezes, a datas comemorativas, o que "esvazia seu potencial político e formativo" (Pereira, 2025). Ele reforça que a falta de formação docente adequada e a insuficiência de políticas públicas que garantam acompanhamento e avaliação dificultam a consolidação de práticas pedagógicas afrocentradas.

Lílian Medeiros, professora de história, também aponta a carência de materiais didáticos específicos como um dos maiores obstáculos para o avanço dessa perspectiva. Segundo ela, "o preconceito e a falta de material didático específico e o acesso a esse material ainda são um grande desafio"(Medeiros, 2025). A educadora enfatiza ainda o impacto do racismo institucional e estrutural, que contribui para que muitos estudantes negros não se reconheçam como sujeitos potentes da própria história, enfraquecendo o processo de construção identitária.

Ou esta contribuição fundamental presente na fala de Medeiros refere-se a necessidade de uma formação docente crítica. Ela afirma que em sua formação inicial teve pouco ou quase nenhum aprofundamento sobre África e culturas afro-brasileiras, sendo obrigada a buscar especializações posteriormente. Essa situação reflete um problema estrutural dos cursos de licenciatura, que permanecem atrelados a paradigmas eurocêntricos e desconsideram as epistemologia africanas e afro-brasileiras.

Viviane Dias destaca, por sua vez, que a educação afrocentrada oferece caminhos potentes para transformar a escola e promover relações mais respeitadas, inclusivas e humanizadas. Para ela, incorporar essa perspectiva ao currículo significa "promover a inclusão, reduzir o racismo, desenvolver empatia e respeito pela diversidade cultural"(Dias, 2025). A entrevistada ressalta ainda que práticas afrocentradas fortalecem a cidadania e ajudam na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

As entrevistas evidenciam também perspectivas promissoras. Francisco destacou o

papel transformador das comunidades quilombolas, dos mestres e das práticas tradicionais como referência pedagógica. Ele afirma que é possível desenvolver "uma educação conectada com a ancestralidade, com o território e com a identidade" (Pereira, 2025), reafirmando a centralidade da coletividade e da memória ancestral para o processo de ensino-aprendizagem.

Da mesma forma, Medeiros aponta que a valorização das culturas tradicionais, pescadores, marisqueiras e líderes comunitários oferecem a estudantes referências concretas de pertencimento identidade, tornando o processo educativo mais significativo. Viviane, por fim, afirma que a educação afrocentrada é capaz de motivar estudantes, melhorar o desempenho acadêmico e promover convivência ética e solidária entre diferentes grupos.

Desse modo, ao integrar as vozes dos três profissionais, observa-se que os desafios da educação afrocentrada-tais como a resistência institucional, a formação docente insuficiente, a falta de materiais didáticos e a desvalorização dos saberes tradicionais, são estruturais, mas não intransponíveis.

As perspectivas apontadas nas entrevistas reforçam que é possível avançar na construção de uma escola anti-racista, inclusiva e plural, desde que haja compromisso político pedagógico e comunitário. Esse movimento não apenas fortalece identidades, mas também contribuem para transformar a educação em um espaço de justiça social, ancestralidade e resistência.

## **6 O QUE TRAGO DE CONSIDERAÇÕES ATE AQUI**

A partir das discussões propostas e em específico o que os professores trazem podemos inferir que a importância da leitura e a escrita na educação afrocentrada, tem como principal objetivo valorizar a identidade cultural dos africanos e no nosso caso em específico os quilombolas.

Desta forma a inclusão de uma educação afrocentrada no currículo educacional é fundamental pois reconhece e valoriza a rica história, cultura e contribuições dos povos africanos e afrodescendentes, contribuindo para Educacao Escolar Quilombola. Além de ajudar a combater estereótipos e preconceitos, promovendo um entendimento mais profundo e respeitoso das diversidades culturais existentes em nosso país.

A descentralização curricular do currículo eurocentrico para o afrocentrico não pressupõe a substituição, que com o tempo se tornaria ela própria uma nova razão hegemônica. Inclui principalmente o reconhecimento da diversidade, base conceitual mas também empírica

da realidade educacional brasileira, especialmente uma realidade que tem em sua cultura uma usurpação na educação contemporânea. Inclui principalmente a compreensão de que a educação é transformadora, pois permite que os estudantes sejam livres do medo de serem quem são e citam-se respeitados e valorizados.

Entretanto, ainda existem muitos desafios para a efetivação dessa proposta no Brasil. A resistência institucional, a falta de informação adequada dos professores e o tratamento superficial da temática nos currículos escolares dificultam a consolidação de uma educação afrocentrada. Apesar disso, as perspectivas positivas, como o avanço das políticas públicas, os projetos pedagógicos que valorizam a diversidade étnico-racial e o crescente engajamento de educadores comprometidos com a prática anti-racista. Esses movimentos apontam para um futuro em que a escola possa de fato, reconhecer e celebrar a contribuição do povo negro na construção da sociedade brasileira.

Enfim, o verdadeiro movimento na educação é transformar não apenas a realidade básica, mas sim esclarecer que o conceito permite que os estudantes, sejam livres do medo de serem quem são, que seus hábitos, crenças e valores sejam respeitados e valorizados. Por isso, deixar claro que os negros possibilitam a abertura da diversidade cultural para a construção de uma sociedade justa, baseada em valores sociais, morais e éticos.

A entrevista com o professor Francisco Pereira dos anjos Júnior foi muito importante para este trabalho, pois trouxe uma visão Clara e vivida sobre a importância da educação afrocentrada nas escolas. suas palavras ajudaram a compreender melhor como a valorização da cultura e da história do povo negro pode transformar um ambiente escolar em um espaço de respeito, aprendizado igualdade.

Durante a entrevista, ficou evidente que a lei 10639/03 pode contribuir sensivelmente para uma educação afrocentrada, mas esta vai muito além. Ela representa um compromisso com a formação de estudantes conscientes de suas origens e orgulhosos de sua identidade. O professor destacou que é preciso mudar o olhar e as práticas dentro da escola, reconhecendo os saberes africanos e afro-brasileiros como parte essencial do conhecimento.

Ouvir essa voz foi um momento de grande aprendizado. As reflexões do professor reforçam a importância de dar espaço a essas vozes que foram por muito tempo silenciadas e que hoje inspiram a educação mais justa e humana. Essa escuta mostrou que a transformação na educação começa quando reconhecemos o valor da ancestralidade e o poder da educação como instrumento de mudança e valorização da vida.

Acreditar na educação afrocentrada é acreditar na força de um ensino que liberta, que valoriza as raízes e que constroem o futuro mais justo, onde cada voz possa ser ouvida e

respeitada em sua plenitude.

## REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentric Manifesto**. Toward an African Renaissance. Cambridge: Polity Press, 2007

ASANTE, Molefi Kete. **O livro dos nomes africanos**. Afrocentricidade Internacional. 1 ed. Brasil, 2019.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade como crítica do Paradigma Hegemônico Oriental**: Introdução a uma ideia, 2016.

BRASIL.10.639/2003 09 de janeiro 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 8, p. 1, 10 jan. 2003.

DIAS, Viviane. **Entrevista sobre educação afrocentrada no currículo escolar**. Entrevista concedida a Joselita Santos de Jesus. Malês-BA, 10 nov. 2025.

HILLARD, A. III (1997). Teacher education from an African American perspective. *In*: J.Jordan Irvine (Ed.) **Critical Knowledge for diverse teachers & learners**. Washington: American Association of Colleges for Teacher Education, 1997,p.125-148.

J. ARRUT, Maurício. conceitos, normas e números: Uma introdução á educação escolar quilombola. Revista Contemporânea de Educação, vol. 12, n. 23, jan/abr de 2017.

MAZAMA, Ama. A Afrocentricidade como um novo paradigma. *In*: Elisa L. Nascimento (org) **Afrocentricidade uma abordagem inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2003, 2009

MEDEIROS, Lilian Serrado. **Entrevista sobre os desafios da educação afrocentrada**. Entrevista concedida a Joselita Santos de Jesus. Malês-BA, 10 nov. 2025.

PEREIRA DOS ANJOS JÚNIOR, Francisco. **Entrevista sobre educação afrocentrada**. Entrevista concedida a Joselita Santos de Jesus. Malês-BA, 09 nov.2025.

PEREIRA, I.; VIANA, F. L. Aspectos da didática da vertente oral da língua materna no jardim de infância e no 1.º Ciclo do Ensino Básico – algumas reflexões. 2003.

SANTOS , E.C.Veja minhas Ticas , Reconheca minhas Matemas na Etnos Africans. 2025